

Editorial

Humanismo e saúde

Geraldo Pereira

O mundo vem experimentando um desenvolvimento assustador, de tal forma que nos últimos sessenta anos tudo mudou. Uma verdadeira metamorfose vem se instalando no cotidiano de toda gente, em todos os cantos desse universo em transformação. Nada é mais como foi! Os bancos, por exemplo, não refletem mais o que eram no ontem dos anos; há máquinas pra tudo e pra todos. Assim, também, com a saúde, a automação tomou conta do dia a dia das pessoas doentes e dos profissionais. O organismo vem sendo submetido às mais diversas investigações de laboratório, desde a sofisticação das análises clínicas aos equipamentos voltados à tomografia e à ressonância magnética. Há, também, máquinas pra tudo!

Isso tem brutalizado a criatura humana, tornando-a rude, cada vez mais distante do próximo. Como disse Nilo Pereira: "...Vemos a tragédia humana como se fosse um filme de cinema. Passado o filme, passou também a nossa emoção". É como se assistíssemos a um acidente na avenida do nosso costume e mesmo com a ocorrência de vítima, não parássemos e pelo contrário, seguíssemos adiante, considerando superado o horror que ficou pra traz. O jantar, antes aprazado, é curtido sem inquietações maiores! O ser humano, brutalizado como está, leva esse comportamento imoderado para a profissão e isso tem uma repercussão grande, sobretudo se o profissional atua na área de saúde.

Sucedem que as grades dos programas de graduação, com raras exceções, não contemplam determinadas disciplinas, como a sociologia ou a antropologia ou como a filosofia e a psicologia. São disciplinas que de certa forma amolecem o coração humano, flexibilizam o espírito. Fernando Figueira, pernambucano ilustre, já dizia que o médico que só sabe medicina, sabe muito pouco. E é isso mesmo, porque as faculdades deveriam incluir não apenas essas matérias, mas também a leitura de obras da literatura. Isso só faz enriquecer o aluno, dando-lhe uma visão mais abrangente do semelhante e de suas ligações com o entorno em que vive. A leitura, por exemplo, de *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos, é capaz de oferecer a quem estuda uma ideia bem precisa dos sertões esturricados e de sua gente sofrida. Até a cadela baleia está contemplada. E assim outras tantas obras de autores diversos!

O que se vê e o que se tem no vaivém das coisas, é que a brutalidade preside a interação entre o profissional e o doente. Não só os médicos estão assim, mas outros profissionais da saúde, também. Não foi sem razão que aquele senhor, de cabelos pintando os anos e de corpo vergando, numa UTI, depois de um AVC, reclamou do que ouviu de uma profissional da saúde. Uma recomendação, feita às carreiras: "Faça assim: ooooooooo". Uma forma de recuperar o sulco nasolabial! A comissura labial. Incrível! E o pior: o doente seguiu o que o profissional recomendou. Não havia nada a fazer, justificou, porque depois que ela falou, desapareceu correndo.

Não é incomum um especialista atender um paciente de convênio de lado, sem encarar o seu interlocutor. Isso tem sido cada vez mais frequente.

Uma determinada pessoa flagrada exercendo a medicina sem diploma e lógico, sem autorização do Conselho Regional, foi motivo de uma manifestação de suas pretensas clientes. Aquelas pacientes protestaram, dizendo que ele era um homem muito atencioso. Os médicos, talvez, precisam aprender com os charlatões a forma de tratar os seus doentes. Vive-se atualmente uma fase em que os exames de laboratório, sobretudo os de imagem, ocupam o espaço largo na elucidação do diagnóstico. Um sofrimento abdominal qualquer é sempre seguido da solicitação de uma tomografia, mesmo quando o quadro clínico é típico, como acontece com uma apendicite. Isso retarda a intervenção cirúrgica e arrisca a vida do paciente.

Aqui não se está estimulando a bondade ou a generosidade, apenas, mas o resgate da urbanidade, da cortesia que todos devem ter no trato com o semelhante. O saber ouvir, a escuta comprometida de quem sofre e de quem precisa contar, pelo menos, com a palavra amiga ou com um ombro, no qual possa depositar as dúvidas e as indagações, mesmo que sejam as últimas. O que se pede é que o humano volte a presidir a interlocução entre o paciente que sofre e a pessoa que lhe oferece a atenção especializada, médico ou não.

Geraldo Pereira, médico, é da Academia Pernambucana de Letras.